

TODOS JUNTOS: UM ESTUDO DO PAPEL DA FLUTUAÇÃO DE TODOS NAS RELAÇÕES INFORMACIONAIS DA SENTENÇA

Ana Paula Quadros GOMES¹

■ **RESUMO:** Este artigo analisa a flutuação de *todos* como marcação de foco informacional, contrastando a cumulatividade de *todos* com a de *juntos*, para delimitar o domínio sintático de *todos* como aquilo que será distribuído sobre o DP a que *todos* se liga. O domínio de *todos* varia conforme sua posição na sintaxe aberta, modificando a estrutura informacional da sentença.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Quantificação. Todos. Distributividade. Foco. Cumulatividade. Sintaxe. Semântica

Introdução

O item *todo(s)* em PB pode formar um constituinte com um sintagma nominal plural de determinante, como em *Todas as minhas amigas vieram*, e flutuar: *As minhas amigas vieram todas*. (Nesta configuração, a pronúncia de *todas* é carregada). Puskas (2002) propôs que quantificadores como o *tout* (francês), que se associam a DPs plurais, marcam foco informacional — e não tópico — na sentença. Propomos que a flutuação de *todos* também marca foco informacional. Segundo Negrão (2000), o PB é uma língua voltada para o discurso, isto é, o PB

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - USP - 05508-900 - São Paulo, Brasil. E-mail: anapaulaqq@globocom

marca na sintaxe aberta a função informacional dos constituintes da sentença, tais como tópico do discurso ou foco. Propomos, a partir do exame de dados de predicação (primária ou secundária), que a flutuação altera a estrutura informacional da sentença em PB. Utilizamos *juntos* como diagnóstico de modificação nominal ou sobre eventos, seguindo a linha da análise proposta por Moltmann (2002) para *together*.

Flutuação e domínios de quantificação

Há duas análises seminais para os *floating quantifiers*: numa, o quantificador flutuante é adnominal e permanece na posição em que foi gerado, enquanto o sintagma nominal é movido (SPORTICHE, 1988); na outra, o quantificador é um advérbio orientado para o sujeito (JACKENDOFF, 1972; BOBALJIK, 1995). Os dados do PB não se encaixam exatamente em nenhuma das duas propostas, pois o flutuante *todo(s)* alterna um comportamento de modificador nominal com um comportamento de marcador da duração de eventos ou de intensificador. Essa condição mista encontra respaldo na teoria de Doetjes (1997). Doetjes propôs que um certo quantificador, o *Degree Quantifier* (DegQ), em vez de selecionar o seu domínio de quantificação por um critério categorial, opera por theta-seleção, selecionando uma posição estrutural escalar (a qual é a codificação sintática de uma propriedade quantificacional, a cumulatividade). Essas posições estruturais escalares são encontradas nas projeções de várias categorias, o que permite a um DegQ modificar um VP, um NP ou um AP. Doetjes dá exemplos de DegQs no francês (*beaucoup*), no inglês (*more*) e no português (*muito*). Incluímos *todo(s)* na lista de DegQs e defendemos que, mesmo estando sempre ligado a um DP, *todo(s)* também pode modificar adjetivos e advérbios. A flutuação de *todos* reflete essa flexibilidade: conforme o contexto sintático, *todo(s)* modifica categorias diferentes.

Por que examinar *todos juntos*

Segundo Moltmann (2002), *together* tanto pode ser um modificador operando sobre a categoria N (*John and Mary sat together*) como um modificador de VP (*John and Mary together weigh 200 pounds*). Tradicionalmente, *together* modificador nominal foi visto como um marcador de antidistributividade; e *together* modificador de VP foi visto

como um especificador de leitura coletiva para o predicado, ou de ação cooperativa, ou de proximidade espacial ou temporal. A autora, porém, defende uma análise unificada de *together*, pois...“*even though together (...) could potentially modify either the VP or the NP, there is evidence that together in that [VP internal] position always relates to the subject, rather than the VP*”. Moltmann (2004) argumenta que a contribuição de *together* em posição adnominal não é a de prevenir a leitura distributiva do predicado, e sim a de introduzir uma medição numérica cumulativa. Ou seja, *together* é um quantificador que reforça a leitura (cumulativa) de medição do predicado.

A interpretação cumulativa num contexto de medição é a disparada por sentenças que apresentam uma transformação, que narram a mudança de estado de uma entidade. A configuração de QAD, ou quantificação à distância (vide ex. 1.1), que, na análise de Doetjes (1997), é um ambiente propício a DegQs, e sentenças com argumento afetado, com o *incremental theme*, de Dowty (1991) e Krifka (1992) (vide ex. 2.1), constituem contextos que tipicamente disparam leituras de medição. Por exemplo:

(1.1a) — Como o prédio ficou sem água?

(1.1b) — A água saiu toda pelo ladrão da caixa.

Em (1.1.b), o resultado da fuga da água é a caixa vazia. A fuga levou a caixa do estado de cheia ao de vazia. À distância (em VP), *toda* quantifica o DP *a água*. *Toda* marca tanto o volume da água em seu estado final quanto a conclusão do processo de esgotamento da caixa (*vazio* é um grau absoluto). Sem *toda*, não se infere da sentença variante, a (1.2.b), que a água se esgotou, nem que a caixa ficou completamente vazia:

(1.2a) — Como o chão ficou molhado?

(1.2b) — A água saiu pelo ladrão da caixa.

Em (1.2.b), a quantidade de água perdida é indefinida; pode ter restado alguma (ou muita) água na caixa; e o vazamento pode continuar, mesmo após a constatação de o chão estar molhado. Em (1.1.b), considera-se que o quantificador *toda*, relacionando-se com o DP *a água*,

apesar de separado desse DP pelo verbo, mede a quantidade de água, (*toda* é a quantidade máxima) e, ao medir a água, mede também a duração do evento de vazão (quando toda a água acabou, completou-se o evento de saída de água pelo ladrão). Outro contexto de medição é o de *argumento afetado*:

(2a) O navio afundou.

(2b) As cargas, juntas, afundaram o navio.

Para Krifka (1992), há um mapeamento, uma mútua dependência entre a progressão do evento de submersão e a aumento da porção do navio engolida pela água, explicada pelo fato de se tratar de uma eventualidade que expressa exatamente a mudança de estado de uma entidade, a qual chamamos de *argumento afetado*. O estado final do navio desaparecido sob as águas é o resultado da soma dos pesos das cargas. A contribuição de *juntos* é marcar que cada uma das cargas, sozinha, poderia não bastar para provocar o naufrágio; *juntos* nos obriga a interpretar o resultado como fruto da soma das contribuições das entidades reunidas no DP sujeito.

Um argumento afetado mede a extensão do evento, ou o delimita quantitativamente. Em (1.1.b), o argumento afetado é o DP *toda a água*, em função de sujeito; em (2.b), é o DP *o navio*, em posição de complemento. Sentenças em que há um argumento afetado são contextos de medição, pois a extensão do evento é correlata à da entidade denotada pelo argumento.

Moltmann vê *together* adnominal como um marcador de leituras de medição, pois, ao modificar o sujeito plural, o causador ou agente da transformação, marca que a junção dos indivíduos transformou o argumento afetado. Em (2.b), vemos que a análise de Moltmann se aplica a *juntos*. Vejamos se *juntos* em contextos de medição é regular:

(3a) João e Maria compraram um veleiro juntos.

Interpretamos que houve a compra de um só veleiro, em sociedade.

(3b) João e Maria trabalham juntos.

Eles trabalham na mesma empresa, ou em companhia um do outro.

(3c) João e Maria comeram uma pizza juntos.

A sentença é ambígua. Ou cada um comeu parte da pizza (e só juntando os consumos individuais teremos uma pizza), ou eles foram à pizzaria no mesmo dia e na mesma hora e jantaram em companhia um do outro.

(3d) João e Maria gastaram, juntos, R\$1.000,00 (na balada de ontem).

A soma dos gastos individuais totaliza R\$1.000,00. Cada um pode ter gastado a sua parcela longe do outro, em ocasiões diferentes.

(3e) Juntos, João e Maria gastaram R\$1.000,00 (na balada de ontem).

É como (3d).

As sentenças (3a), (3d) e (3e) são contextos de medição, conforme nossa definição: há uma entidade que surge (o veleiro) ou desaparece (uma quantia em dinheiro) no decorrer de um processo de transformação. A sentença (3b) não é de medição, pois não há um produto, uma entidade em um estado final diferente do inicial. A sentença (3c) é ambígua: se *uma pizza* tiver escopo largo e for presa pelo operador existencial(\$), então há uma transformação (existia a pizza que desapareceu no jantar); se, por outro lado, *uma pizza* tiver escopo estreito, não existiu uma entidade em diferentes estados, e a sentença perde a leitura de medição. Nesse caso, *uma pizza* não é um indivíduo quantificado, mas um tipo ou sabor.

Os exemplos mostram uma regularidade: nos contextos de medição, *juntos* modifica um N; nos demais, modifica o evento. Em contextos de medição, ao marcar o DP plural sujeito, o agente da mudança, *juntos* totaliza as contribuições individuais, de modo a que a soma obtida redunde num resultado. Se o contexto não é *resultativo*, se a eventualidade não marca uma mudança de estado, então *juntos*, embora concorde em número e gênero com o DP sujeito, marca as circunstâncias do evento, ao indicar que os indivíduos do grupo sujeito fizeram, cada um, o que o predicado descreve, na mesma hora, no mesmo local, ou em

presença um do outro.

Todos, juntos e todos juntos em contextos de medição

Postulamos que, em contextos de medição, a capacidade de modificar o evento, embora mantendo ligações com o sujeito, é comum a *junt(o)s* (cf 2.b) e a *todo(s)* (cf. 1.1.b). Mas *junt(o)s* se liga exclusivamente ao DP com o papel-è de agente ou causador da transformação, e *todo(s)* pode estar ligado tanto ao DP com papel-è de agente como ao DP com papel-è de tema. Exemplificando:

(4a) Os garotos comeram aquelas três pizzas.

Na sentença (4a), durante o evento, *comer*, a entidade *aquelas três pizzas* mudou de estado: de inteira que estava, passou a inexistente. *A pizza* é o *argumento afetado* (DP, tema) e *os garotos* são a causa da transformação (DP, agente). O fim da comilança coincide com a extinção das pizzas: há medição do evento.

(4b) Os garotos comeram todas aquelas três pizzas.

Comparando (4a) e (4b), vemos que a inserção de *todas* no DP com o papel de objeto afetado acentua a leitura de medição; ao marcar a integralidade inicial das pizzas, *todas* associa também seu desaparecimento com a completude do evento de *comer*. A sentença pode expressar surpresa pelo grande apetite dos garotos.

(4c) Os garotos, juntos, comeram aquelas três pizzas./ Juntos, os garotos comeram aquelas três pizzas.

Cada um comeu menos que três pizzas. *Juntos* enfatiza que o desaparecimento das três pizzas é o resultado cumulativo das contribuições dos garotos.

(4d) Todos os garotos comeram aquelas três pizzas.

Com *todo(s)* modificando o sujeito (o agente da transformação), o efeito é o contrário ao causado por *junt(o)s* em (4c): a leitura de medição

enfraquece. Em vez de enfatizar o sumiço das pizzas ou a responsabilidade por esse resultado, esta sentença foca o fato de cada membro do grupo de meninos ter comido pizza. A integralização do grupo (sujeito) se sobrepõe à integralização do objeto afetado (as três pizzas), ou à do evento (a extinção das três pizzas). A sentença (4d) é uma resposta ruim à pergunta *o que aconteceu com as três pizzas?*, não é muito boa para a pergunta *quem comeu as três pizzas?*, mas é excelente resposta para a pergunta *o que os garotos fizeram?*. Logo, o acréscimo de *todos* ao sujeito torna a sentença uma afirmação sobre a entidade *os garotos*, e não sobre o evento de comer ou sobre as pizzas consumidas. A sentença (4c) pende para um juízo categórico (uma predicação a respeito de *os garotos*); contrariamente, a versão sem presença de *todos* (4a) no sujeito tende a um juízo tético (à narração de um acontecimento). Com *todo* no sujeito sentencial, é criada uma estrutura de predicação primária dividida em dois grandes constituintes: o tema (*todos os garotos*), ou tópico, e o rema ou comentário (*comeram aquelas três pizzas*), aquilo que é dito a respeito do tema. Sentenças com leitura de medição (vide 4a ou 4c) salientam o resultado, privilegiando o argumento afetado (*aquelas três pizzas*); em (4d), essa saliência informacional é neutralizada pela presença de *todos* no sujeito. *Todo(s)* sempre marca proeminência informacional, e, em contextos de medição, no DP sujeito com papel-è de agente, *todo(s)* marca tópico.

(4e) Todos os garotos comeram aquelas três pizzas juntos.

Com *todos* e *juntos* nessas posições, a sentença é ambígua quanto à sua estrutura informacional. Na leitura de *em companhia um do outro*, *juntos* modifica o evento, marcando a forma como o sujeito participou dele: a atividade de *comer* foi um encontro social. Quando *todos* opera sobre o N tópico da predicação e agente, o que aconteceu às pizzas perde relevância. A sentença, com *todos* modificando o N (sujeito) e *juntos* modificando o evento, diz que cada membro do grupo no DP *os garotos* se reuniu aos demais para comer as pizzas. A sentença é verdadeira tanto se houver um encontro único quanto se houver mais encontros, e, em cada um, der-se cabo de três pizzas (isto é, admite-se um consumo geral superior a três pizzas, desde que cada garoto tenha contribuído e que estado em companhia dos outros). Se *juntos* tem escopo largo, ele sai do VP e também modifica o N sujeito. Nessa leitura, em que tanto

juntos quanto *todos* são modificadores nominais, entendemos que o resultado da reunião de tantas bocas foi o consumo de três pizzas; *juntos* marca a leitura de medição e *aquelas três pizzas* é o auge do consumo de todos os garotos reunidos.

(4f) Todos os garotos, juntos, comeram aquelas três pizzas. / Juntos, todos os garotos comeram aquelas três pizzas.

Junt(o)s modifica o N (o DP sujeito): há uma só configuração informacional. *juntos* adnominal ao N sujeito marca leitura de medição, privilegiando o resultado da mudança de estado do DP tema. A leitura saliente é a de que, como um grupo, coletivamente, os garotos deram cabo de três pizzas inteiras. As sentenças em (4f) seriam excelente resposta para a pergunta *cadê as três pizzas?*, *o que houve com as pizzas?* ou *o que aconteceu?*, mas não uma resposta tão adequada para a pergunta *o que você me diz dos garotos?* Malgrado *todo(s)* modificar o DP sujeito, *juntos* neutraliza a topicalização, e o sabor de leitura categórica desaparece. Com o DP sujeito modificado por *todos* e por *juntos*, nem o sujeito agentivo nem o DP com papel de tema são marcados como a informação mais saliente na sentença. Há um escopo intersectivo, que recai sobre o processo da transformação: entendemos que o resultado do evento é alcançado com a soma das atuações individuais, contribuição de *juntos*, e que houve um único evento coletivo (apenas um encontro social), no qual os indivíduos do grupo sujeito tiveram participação individual; a distributividade é a contribuição de *todos*. A configuração de um evento coletivo único, de resultado definido, e com a participação individual de cada membro do sujeito é obtida pelo escopo intermediário entre *todos* e *juntos*; para a verdade da sentença (4f) não era necessário fixar a cardinalidade do evento em um encontro único, pois o escopo de *juntos* poderia ser largo ou estreito.

(4g) Os garotos todos comeram aquelas três pizzas. (entonação forte de *todos*)

Todo(s) reforça a distributividade, salientando a participação dos membros do grupo no evento; a sentença não predica simplesmente dos garotos (não responde apropriadamente à pergunta *E os garotos? O que você me diz deles?*), mas reforça o modo da participação no evento: sem exceção. Ela parece ser a resposta a perguntas sobre o quanto os meninos

já estão alimentados (*Será que os meninos querem jantar?*, no sentido de definir se é o caso de lhes servir outra refeição ou de considerá-los saciados: se eles eram 15 e dividiram as 3 pizzas, talvez ainda estejam com fome); ou, ainda, (4g) serve de resposta a uma pergunta sobre a integralidade com que o grupo foi alimentado: *Será que algum menino ainda não jantou?*; ou sobre a isenção de culpa de um ou outro indivíduo (se as pizzas estavam reservadas para outras bocas, e foram *furtadas* e comidas pelos meninos, alguém interessado em ser justo, para saber a quem dirigir ou não o sermão, pode perguntar *Quais dos garotos fizeram isso?* e obter como resposta a sentença (4g), ou a resposta mínima *Os garotos todos*). *Todos*, à direita do sujeito agente, dá ênfase à integralidade relativa do grupo no DP quanto à participação no evento.

(4h) Os garotos comeram todos aquelas três pizzas. (entoação forte de *todos*)

Sem uma pronúncia mais forte em *todos*, a sentença não seria boa. Ao contrário de (4g), (4h) não é uma resposta perfeita à pergunta *Será que algum menino ainda quer jantar?* nem à pergunta *Os meninos já comeram?*. Há uma ligação entre o evento e o DP *os garotos* que *todos* reforça em (4h), mas com ênfase no evento. A sentença (4h) seria uma excelente resposta a *O que houve?* ou *O que os garotos fizeram [para terem ficado de castigo]?*, e não seria, como (4g), uma resposta à checagem da integralidade do grupo (Não se pode responder *Quais dos garotos fizeram isso?* com *Os garotos comeram todos*). Aliás, a sentença (4h) parece não permitir nenhum apagamento que propicie uma resposta mais curta (#Os garotos.#Os garotos comeram./ *Os garotos comeram todos.) A supressão de *todos* modifica a proeminência da informação e, com *todos* dentro de VP, não é possível o apagamento do DP complemento, sob pena de a sentença ficar agramatical. O foco parece marcar o VP inteiro. A flutuação reforça a responsabilidade dos indivíduos membros do grupo sujeito no resultado do evento: a sentença informa que: (i) três pizzas forma consumidas; (ii) o grupo de meninos, como um todo, foi o causador desse resultado. A interpretação de (4h) é semelhante à de (4c): entendemos o resultado como obtido pela soma das (participa)ções individuais de cada garoto no evento. *Todos* pós-verbal e pré-complemento faz ver o resultado como uma somatória de parcelas, ou seja, salienta a leitura do evento (de *comer as três pizzas*) como uma seqüência de subeventos (João comeu parte do conjunto de pizzas, Pedro comeu outra parte etc., até as três pizzas desaparecerem). *Todos*, nessa posição, tal como *juntos* modificador nominal, marca leitura

de medição: leva a ler o evento como um *degree achievement*, um processo com etapas que, integralizadas, atingem um resultado específico. Nessa posição, *todos* quantifica sobre a forma da obtenção do resultado, ou seja, sobre o modo de transformação do DP complemento, totalizando as etapas do evento que resultarão no estado final desse DP, quando o evento for concluído. A informação privilegiada diz respeito a como o resultado foi obtido.

(4i) *Os garotos comeram aquelas três pizzas todos.

Com *todo(s)* vindo depois do complemento verbal, a sentença é péssima, não importa quão forte seja a sua pronúncia. Parece haver um efeito de minimalidade: *Tbdos* parece não poder modificar o sujeito de dentro do predicado. Se existe uma categoria vazia, na posição de onde o DP sujeito sentencial se moveu (numa análise à moda de Sportiche), o traço não pode ser apropriadamente regido nessa posição, por não ser theta-regido e haver barreiras ao governo. Este dado favorece a análise de *todo(s)* flutuante como adnominal. Para a análise de *todo(s)* flutuante como um advérbio (à moda de Bobaljik), outra história precisa ser contada para dar conta da impossibilidade de *todo(s)* aparecer nessa posição sintática.

(4j) Os garotos comeram aquelas três pizzas todos juntos.

Se adotarmos a análise pela qual *todo(s)* flutuante é um advérbio, este dado não oferece problemas — mas então ficamos com o ônus de explicar o que impede a configuração em (4i). Optando pela análise de Sportiche, é preciso dar conta de como o problema da regência apropriada desapareceu. Nem há necessidade de pronúncia diferenciada para *todos*: se, ao lado de *todos*, tivermos *juntos*, ambos dentro do predicado, a sentença é perfeita na entoação normal. Tudo aponta para a formação do constituinte *todos juntos*, em que *todo(s)* faz o papel de modificador de *juntos*. Um argumento sintático é o fato de podermos clivar *todos juntos* (Todos juntos, os garotos comeram a pizza é o.k.) mas não *juntos*, em separado (*Juntos, os garotos comeram a pizza todos). Um argumento semântico é a interpretação de *todos juntos* como equivalente a *completamente reunidos*: a idéia é de um encontro entre os garotos. A sentença significa que: (i) o grupo consumiu as tais pizzas (leitura coletiva); (ii) os garotos estavam todos reunidos, isto é, em companhia um do outro, durante o ato de comer. Esta sentença não seria

verdadeira se parte dos garotos comesse meia pizza agora e alguns outros, mais tarde, traçassem as sobras. É necessário que eles comam as pizzas em presença uns dos outros. Tanto *todos* quanto *juntos* concordam com *os garotos*, mas *todos* não está apenas totalizando os membros do grupo e acentuando a distribuição do predicado pelas partes mínimas do conjunto de meninos; *todos juntos* significa: (i) *muito juntos* e (ii) *sem faltar nenhum*. Ou seja: *todo(s)* intensifica (amplia a força e o significado de) *juntos*, modificador do evento. A informação privilegiada dessa sentença é a reunião, o consórcio dos meninos a propósito de comer as pizzas. A diferença entre (4h) e (4j) é que nesta última sentença existe um evento único (coletivo) de *comer pizza*, e, na outra, pode haver diferentes eventos. Ou seja, num contexto em que três meninos do grupo comeram algumas fatias da pizza no jantar e os demais mataram o resto das três pizzas no almoço do dia seguinte, (4h) é verdadeira, mas (4j) é falsa. As condições de verdade de (4j) exigem mais que um resultado equivalente à somatória de (participa)ções individuais: exigem que haja um evento apenas, de que todos participem. Essa diferença decorre do fato de *todos* modificar o adjunto *juntos* do tipo adverbial, em (4h), intensificando a demanda desse item por marcar *ao mesmo tempo, no mesmo local, em presença uns dos outros*. O que *juntos* adverbial faz é marcar como único (coletivo) o evento de comer as três pizzas; o que *todos* faz é acentuar a distributividade do predicado (cada um comeu) e a convivência de ambos na sentença (4i) (ou em *Todos os garotos comeram aquelas três pizzas juntos*). É um *degree achievement*: o desaparecimento das três pizzas é o resultado de cada um dos garotos ter concluído sua parte no evento. Os subeventos (cada um comendo sua parte), acumulados, revertem-se num evento maior (o de comer as três pizzas).

Análise e predições: *todos* e a estrutura informacional da sentença

Essa bateria de exemplos (4) mostra que a posição de *todo(s)* marca a proeminência informacional da sentença. Como *juntos*, *todos*, mesmo dentro de VP, concorda em número e gênero com o DP sujeito (a menos que quantifique o DP complemento), mas pode salientar informações diferentes na mesma sentença, conforme sua posição na sintaxe aberta. Resumindo, *todos*:

(A) Adjacente ao DP sujeito, e anterior a ele (ex. 4d): modifica o nome

que precede (integraliza o grupo) e marca a sentença como predicando sobre o DP sujeito.

(B) Adjacente ao DP sujeito, e posterior a ele (ex.4g): modifica enfaticamente o nome a que sucede (integraliza o grupo); a sentença responde a um questionamento sobre o predicado poder deixar de se aplicar a um dos componentes do grupo no DP sujeito.

(C) Separado do DP sujeito, dentro de VP, posterior ao verbo e anterior ao complemento (ex. 4h): modifica o evento (integraliza os subeventos), marcando o modo gradual como o resultado (o estado final do DP complemento) foi atingido pelo conjunto de agentes.

(D) Separado do DP sujeito, dentro de VP, posterior ao complemento (ex.4j) e anterior a um adjunto (*juntos* adverbial) que, independentemente de *todos*, exiba concordância com o sujeito: modifica o adjunto (intensifica *juntos*), ampliando o modo como ele se aplica ao evento e reforçando sua ligação com o DP sujeito.

Com *todos* dentro de VP, há duas posições possíveis: entre o verbo e o complemento (4h) e entre o complemento e um adjunto (4i). A posição à direita do complemento, sem adjunto (4j), é agramatical. A estrutura informacional da sentença é diferente com *todos* dentro de VP; além de ser necessária uma pronúncia marcada. Isso nos conduz à análise de que *todos*, dentro de VP, não modifica estritamente o sujeito (há barreiras) mas o evento ou um adjunto (advérbio ou adjetivo/particípio), formando um constituinte com ele. Esse adjunto precisa modificar a duração do evento e também precisa exibir concordância ou relação de indexação com o DP sujeito (como é o caso de *juntos*); é por meio da ligação entre o resultado do evento ser a somatória das particip(ações) dos indivíduos que *todos* marca a integralização dos subeventos num evento que culmina no resultado. O constituinte formado com um adjunto em VP (*todos juntos*, em (4j)) modifica o evento ligado ao sujeito, num efeito de medição. *Todos* é, em termos de categoria, um modificador nominal, como *juntos*; mas, como *juntos*, seleciona cumulatividade; e pode marcá-la também no evento ou no adjetivo, em contextos de medição, pois, neles, sem a contribuição de cada indivíduo no DP sujeito, o resultado da sentença não seria atingido. Predizemos que *todos* (indexado ao sujeito) formará um só constituinte com predicados secundários voltados para o sujeito (adjetivos e participios) que marquem a duração do evento; e adjuntos (advérbios e modificadores) que marquem a acumulação de subeventos, mas mantenham relação (concordância ou indexação) com o sujeito.

Todos dentro de VP, com predicados secundários

Verificaremos se a função intensificadora de *todos* é confirmada em contextos de predicação secundária orientada para o sujeito. Adaptamos, em (5.2), (6), (7), e (8), exemplos de Maria José Foltran:

- (5.1) Primeiramente, sem o segundo predicado, observamos:
 - (5.1a) Os bárbaros destruíram a cidade.
 - (5.1b) Todos os bárbaros destruíram a cidade.
 - (5.1c) Os bárbaros *todos* destruíram a cidade. (pronúncia enfática)
 - (5.1d) Os bárbaros destruíram *todos* a cidade. (pronúncia muito enfática)
 - (5.1e) *Os bárbaros destruíram a cidade *todos*.

Vemos que em (5.1.b) e (5.1.c) *todos* integraliza o grupo de bárbaros, acentuando a distributividade. *A destruição da cidade* é um predicado coletivo, mas há um contraste entre (5.1.a), que não exige a participação de cada bárbaro no evento para que a sentença seja verdadeira, e as duas sentenças seguintes, para a verdade das quais é necessário, que, individualmente, cada bárbaro tenha tomado parte na destruição. *Todo (s)* acentua a distributividade ao totalizar, modificando-o, o argumento com o papel de agente da transformação. A sentença (5.1.d) só é boa se *todos* tiver pronúncia acentuada. Sem esse foco, a sentença é muito degradada. Isso porque *todos*, dentro de VP, não pode modificar o DP sujeito com a mesma facilidade com que o faz fora de VP. Quanto mais profundamente dentro de VP, pior, como mostra (5.1.e), agramatical mesmo com uma leitura que enfatize *todos*; não há foco que salve essa sentença. Embora a eventualidade seja uma transformação que envolve o desaparecimento da cidade, as sentenças boas com *todos* não favorecem a leitura de medição: não se mede a duração do evento, nem se fala a respeito da cidade; antes, nas sentenças (5.1.b), (5.1.c) e (5.1.d), o tema é *os bárbaros*, ou *todos os bárbaros*, e o restante das sentenças comenta sobre eles.

- (5.2) Agora, vejamos o que acontece com a introdução de um predicado secundário:
 - (5.2a) Os bárbaros destruíram a cidade enfurecidos.
 - (5.2b) Todos os bárbaros destruíram a cidade enfurecidos.
 - (5.2c) Os bárbaros *todos* destruíram a cidade enfurecidos.

(5.2d) *?Os bárbaros destruíram todos a cidade enfurecidos.

(5.2e) Os bárbaros destruíram a cidade todos enfurecidos.

Primeiramente, é gritante que, com o predicado secundário, a sentença com *todos* pós-verbal se torna boa (5.2.e). Nessa sentença, *todos* intensifica *enfurecidos*: a sentença diz que: (i) a cidade foi destruída pelos bárbaros; e (ii) todos eles estavam enfurecidos enquanto a destruíam. Isto é, com o predicado secundário, *todos* dentro de VP se refere ao DP sujeito mas modifica o adjetivo (significa algo como *muito enfurecidos*). O predicado secundário é um estado relacionado com a duração do evento (Quando estavam enfurecidos os bárbaros? Durante a destruição da cidade.). *Todos(s)*, em (5.2.b) e (5.2.c), reforça que cada um dos membros do conjunto do DP sujeito estava no estado descrito pelo predicado secundário. A verdade das duas sentenças requerer algo além do que cada indivíduo do conjunto dos bárbaros ter tido participação na destruição da cidade: requer que cada bárbaro participando da destruição da cidade esteja furioso. Elas parecem excelentes respostas à pergunta *como os bárbaros destruíram a cidade?*, ou, mais explicitamente, *em que estado de ânimo estavam os bárbaros que destruíram a cidade?* Se o duplo predicado for dividido em *estar furioso* e *destruir a cidade*, a totalização do grupo denotado pelo DP sujeito sentencial parece valer preferencialmente para o estado (*todos os bárbaros estavam enfurecidos quando destruíram a cidade*), em detrimento da totalização do sujeito em relação à agentividade, ou causação da transformação (*todos os bárbaros partiram para a destruição da cidade porque sentiram fúria* não parece uma boa interpretação para essas sentenças).

A sentença (5.2.a) é ambígua entre uma leitura causativa (algo enfureceu os bárbaros a ponto de eles decidirem arrasar a cidade), em que o pico mais alto do estado de fúria coincide com o início da destruição da cidade, que, assim, é consequência do sentimento de fúria cuja experimentação a precede; e uma leitura durativa, segundo a qual o estado de fúria e a ação de destruir a cidade ocupam o mesmo intervalo de tempo, e estão *juntas*, sem que uma anteceda a outra e sem relação de causa e efeito. Na leitura causativa, *os bárbaros* é restringido por *furiosos*: pode haver muito mais bárbaros, desde que, entre eles todos, apenas os enfurecidos ataquem a cidade, e os não enfurecidos só fiquem olhado. Na leitura de simultaneidade, *enfurecidos* não restringe *os*

bárbaros, e sim qualifica o conjunto inteiro. O ingresso de *todos* na sentença ressalta a leitura durativa: (5.2.b) não é ambígua como (5.2.a): a sentença só pode significar que todos os membros do conjunto sentiam fúria durante a destruição que promoveram (no evento, existem apenas bárbaros enfurecidos; não há, além desses, outros não enfurecidos). Isso ocorre porque *todos* em VP mede a duração do evento.

Como visto em (5.2.c), *todos* entre o verbo e seu complemento, com predicação secundária orientada para o sujeito, cria uma sentença degradada. Parece haver necessidade de marcar uma pausa na leitura, entre *a cidade* e *enfurecidos*, o que nos leva a pensar que *enfurecidos* seja uma encaixada: uma sentença completa, reduzida de participio, com um sujeito próprio. Nessa posição, *todos*, sem a predicação secundária, precisa de leitura enfática e privilegia a informação de que cada membro do grupo sujeito foi agente ou causador do evento/transformação. A predicação secundária colide com essa interpretação, ao favorecer a duratividade, descrevendo um estado concomitante com (ou mais extenso que) o processo de destruição. De qualquer modo, na fronteira da predicação secundária, *todos* não consegue totalizar o sujeito tão bem quanto na predicação única. Em (5.2.e), uma sentença perfeita, *todos* intensifica *enfurecidos*: entendemos que o grau de fúria dos bárbaros era muito alto. E com essa fúria aguda eles perpetraram suas ações destrutivas. Há duas informações coordenadas em (5.2.e): (i) os bárbaros destruíram a cidade; e (ii) ao fazê-lo, ou enquanto o faziam, os bárbaros estavam muito enfurecidos.

O efeito de *juntos*, e o de predicados secundários orientados para o sujeito, em sentenças com *todos* dentro de VP indica que, nessa posição, *todos* não é mais somente um quantificador que totaliza a entidade denotada pelo sujeito, mas atua como um modificador que intensifica adjuntos (advérbios ou adjetivos), embora sempre esteja ligado, pela concordância de número e gênero, ao DP.

Se, como hipotetizamos, *todos*, na flutuação, está sujeito a efeitos de minimalidade, de localidade, no caso de uma sentença com um complemento verbal do mesmo número e gênero do sujeito, a interpretação possível deve ser apenas aquela em que *todos*, dentro de VP, está modificando o DP mais próximo. Poderemos verificar essa hipótese com estes exemplos:

- (6a) [Os bárbaros]_i, [[destruíram [todos os portos]]_j]# [enfurecidos]_k]
 (6b) [Os bárbaros]_i, destruíram [os portos todos]_j] # [enfurecidos]_k]

- (6c) [Os bárbaros]_i [[destruíram [os portos]_j] [TODOS enfurecidos]_i]
 (6d) [Os bárbaros]_i [[destruíram [todos os inimigos]_j] [enfurecidos]_i].
 (6e) [Os bárbaros]_i [[destruíram [os inimigos todos]_j] [enfurecidos]_i].
 (6f) [Os bárbaros]_i [[destruíram [os inimigos]_j] [TODOS enfurecidos]_i].
 (6g) *[Os bárbaros]_i [destruíram [todos]_i [os portos]_j] [enfurecidos]_i.
 (6h) *[Os bárbaros]_i [destruíram [todos]_i [os inimigos]_j] [enfurecidos]_i].

As sentenças (6c) e (6f) só parecem possíveis com uma leitura muito forte de *todos* e com uma pausa marcada entre *os inimigos* e *todos enfurecidos*, entender *todos*, aí, como ligado ao sujeito não é a interpretação mais natural. Na leitura normal, sem marcação entonacional, a estrutura óbvia é a de (6b) ou (6e). A impossibilidade de (6g) e a de (6h), com *todos* referindo-se ao DP sujeito, com foco, entre o verbo e seu complemento e precedendo o predicado secundário, mostra que há localidade na modificação de um DP por *todo*. A diferença entre um objeto animado (*inimigos*) e um inanimado (*portos*) faz com que não seja possível achar que, em (6b) ou (6c), *todos os portos enfurecidos* ou *os portos todos enfurecidos* formem um só constituinte; já em (6d) e (6e) é possível entender, respectivamente, *todos os inimigos enfurecidos* e *os inimigos todos enfurecidos* como constituintes, isto é, *enfurecidos* pode modificar *inimigos*; mas, quando *todos* está entre *inimigos* e *enfurecidos*, essa leitura é barrada, como vemos abaixo:

- (7a) [Os bárbaros]_i [destruíram [[todos]_j [os inimigos enfurecidos]_j].
 (7b) ?[Os bárbaros]_i [destruíram [os inimigos todos]_j]# [enfurecidos]_i.
 (7c) *[Os bárbaros]_i [[destruíram [os inimigos todos enfurecidos]_j].
 (7d) [Os bárbaros]_i [destruíram [[os inimigos enfurecidos]_j todos]_j].
 (7e) [Os bárbaros]_i [[destruíram [os inimigos]_j] [todos enfurecidos]_i].

Modificando o DP complemento verbal, *todos* tem de ficar à direita ou à esquerda do constituinte modificado; *todos* não pode se posicionar no meio de dois termos do sintagma que modifica. *Todos* é um adjunto ao núcleo. Por isso (7c) é agramatical: porque *todos* está entre partes do núcleo que modifica. E, por isso, a única forma de interpretar (7b) é com *enfurecidos* se referindo ao DP sujeito. Mas em (7b), sem uma leitura com destaque em *todos* e uma pausa entre ele e *enfurecidos*, a sentença não é boa. É preferível (7e), com *todos enfurecidos* referindo-se ao DP sujeito e o complemento verbal sendo *os inimigos*. Uma evidência de que *todos* modifica o DP

posicionando-se como adjunto à sua direita ou à sua esquerda. Num caso de flutuação, como em (7e), apesar de ainda estar indexado com o DP sujeito, *todos* não é um quantificador deslocado, que opera sobre o DP com que concorda, mas é um modificador que opera (se não exclusivamente, ao menos também) sobre o predicado secundário, intensificando, aumentando o grau em que essa qualidade se aplica ao sujeito (vide a agramaticalidade da sentença com *todo* ocupando a mesma posição de (7e) sem o item *enfurecidos*; é o predicado secundário que licencia *todos* nessa posição). Essa análise está de acordo com a visão de *todo* como um DegQ, capaz de modificar (e se adjungir a) mais de uma categoria: sintagmas nominais nos exemplos (5.1a) e (5.2a). O predicado secundário salva a sentença (vide o contraste entre (5.1.e) e (5.2.e)) em que *todo* está à direita do complemento verbal exatamente porque fornece um núcleo a ser modificado por *todos*, já que, nessa posição, e a essa distância, não é tranqüila a quantificação do DP sujeito. O contraste entre (5.1.d) e (5.2d) mostra que a posição pós-verbal de *todos* é marcada, e precisa de uma acentuação especial; como ocorre nesses casos, há um efeito de sentido. Em (5.1.d) a flutuação de *todos* enfatiza a participação de cada membro do grupo no evento, que é coletivo. A sentença tem um sabor de polemização, de foco polêmico. *Os bárbaros todos destruíram a cidade* seria uma excelente resposta à pergunta *Muitos ou poucos bárbaros destruíram a cidade?*. Esse sentido especial reforça a distributividade como uma participação individual na ação coletiva: não existem bárbaros que não tenham participado da destruição, é o que se garante. Por isso a predicação secundária não cabe aí: O tema da predicação é *os bárbaros*, e o resto da sentença é o rema ou comentário. Um advérbio seria uma continuidade, mas a predicação secundária é barrada porque, com ela, a sentença deixaria de integralizar a participação do grupo na ação. *Todos* pós-verbal, sem um adjetivo ou advérbio dentro de VP, maximiza a agentividade do sujeito. A predicação secundária, ao contrário, enfatiza um estado. O mesmo fenômeno se verifica em exemplos de predicação secundária voltada para o objeto:

- (8a) João comeu as verduras todas cruas.
- (8b) As crianças deixaram os tios todos nervosos.
- (8c) Os tios deixaram as crianças todos nervosos.
- (8d) Os tios deixaram os sobrinhos todos nervosos.
- (8e) As crianças deixaram o tio nervoso todas juntas.

As cinco sentenças são contextos de medição, se *deixar* for

entendido como causar uma mudança de estado; nas cinco, *todo(s)* está no VP e é um intensificador do adjunto (adjetivo ou advérbio) à sua direita, formando um constituinte com ele. As duas primeiras trazem predicação secundária voltada para o objeto; a terceira traz predicação secundária voltada para o sujeito; o quarto exemplo é ambíguo (como resultativa, a sentença traz predicado secundário voltado para o objeto; se *deixar* for sinônimo de *ir embora*, *todos nervosos* é predicado secundário voltado para o sujeito, e a sentença não é mais um contexto de medição); e o quinto e último traz uma predicação secundária voltada para o sujeito, com modificação de evento. Em (8a), *todo(s)* modifica ao adjetivo *cruas*, com leitura intensional explícita: *todas cruas* = *completamente cruas*. Sem a predicação secundária, a sentença *João comeu as verduras todas* implica que, após a refeição de João, não sobrou verdura alguma do conjunto referido por *a verduras*. Com a predicação secundária, a sentença é verdadeira ainda que João tenha deixado de comer uma parte das verduras disponíveis, desde que toda a porção de verduras por ele consumida nesse evento tenha exibido o estado de *crua*; ou seja, a verdade de (8a) exige que João não tenha comido verduras cozidas, mas permite que restem verduras cruas. Tal mudança nas condições de verdade decorre de *todas* ter se associado ao predicado secundário e, em (8a), quantificar sobre o conjunto de *verduras cruas* consumido durante o evento, e não mais apenas sobre *as verduras* consumidas durante o evento. Em (8b), podemos entender *tios nervosos* como um constituinte, e *todos* como um intensificador, tal como em (8a); então, *todos nervosos* = *maximamente nervosos*. Ou o complemento de *deixar* pode ser o constituinte *os tios todos*; então *nervosos* é uma mini-oração. Nas duas análises, *nervosos* e *todos* estão indexados a *os tios* (a concordância de número e gênero o atesta) e *todos* forma um constituinte dentro de VP, ou com o complemento (N) ou o adjunto (A). Se (8d) tiver leitura de medição, em que um grau de nervosismo é produzido, as duas análises apresentadas para (8c) se aplicam, e *todos* continua ligado dentro de VP e formando um constituinte interno a VP. Há ainda uma terceira possibilidade de análise, em que *nervosos* está indexado com o sujeito de (8d). Nesse caso, há uma pausa antes de *nervosos*. Então *os sobrinhos todos* é o complemento do verbo *deixar* (= *sair da presença de x*) e *nervosos* é o estado dos tios, ao se afastarem dos sobrinhos. Ainda nessa terceira análise, com *nervosos* predicando do sujeito, *todos* se liga a um A e forma com ele um constituinte internamente ao VP. Uma última e quarta alternativa de análise para (8d) é aquela em que o complemento

de *deixar* (ainda significando *afastar-se de x*) é somente *os sobrinhos*, e *todos nervosos* é um predicado secundário voltado para o sujeito (refere-se ao modo como os tios saíram de perto dos sobrinhos) e *todos nervosos* = *extremamente nervosos*. Nessa análise, *todos* é intensificador. O que nos interessa é que, para qualquer análise dada a (8d), quer *todos* seja modificador nominal ou intensificador, ele sempre forma um constituinte maior, interno a VP, seja com um argumento (N) ou com um adjunto (A). Isso também vale para a sentença (8e), em que *todas juntas* é um constituinte: *juntas* modifica o evento e *todas* intensifica *juntas* (*todas juntas* = *completamente reunidas*). *Todos* é consistente quanto à localidade em sua ligação com outros constituintes menores para formar um maior, o que reforça a idéia de que a posição que *todo(s)* ocupa, na sintaxe aberta, ou seja, a sua flutuação, necessariamente altera a semântica da sentença.

A cumulatividade de *todos* e a de *juntos*

Um dado interessante é o comportamento de *todos*, *juntos* e *todos juntos* em predicados coletivos de cardinalidade (que se aplicam exclusivamente ao grupo fechado, e não a cada indivíduo formador do grupo). Os exemplos são variações sobre os de Moltmann:

- (9a) João e Maria, juntos, formam um belo casal.
- (9b) *João e Maria, todos, formam um belo casal.
- (9c) *João e Maria, todos juntos, formam um belo casal.

Nessa bateria, a posição de *todos/ juntos* entre o sujeito e o verbo foi escolhida (em detrimento da posição que antecede o DP sujeito) para permitir uma leitura de escopo intermediário, com modificação ou nominal ou de evento. *Um belo casal* é o resultado da combinação das contribuições (atributos individuais) dos indivíduos em separado: (9a) é uma sentença perfeita. Mas cada um dos dois indivíduos não é, por si só, um casal: *todos* exige que o predicado seja verdadeiro das partes mínimas do sujeito, e é a frustração dessa exigência que torna (9b) uma sentença ruim. A sentença (9c) mostra que o significado isolado desses itens se mantém quando são usados em conjunto, e ambos os

requerimentos precisam ser atendidos: (i) o de que o predicado dê o resultado de algo obtido com a união dos indivíduos sujeitos; (ii) e o de que cada indivíduo tenha participado do evento. Ao contrário de *junt(o)s*, *todo(s)* não exige indivíduos distintos, como vemos nestes exemplos, adaptados de Moltmann:

(10a) *A gravura, junta, é bonita.

(10b) A gravura toda é bonita. (cada pedaço dela é bonito)

(10c) As gravuras, juntas, são bonitas. (a justaposição é bonita, o conjunto é bonito; em separado, elas até podem ser feias)

(10d) As gravuras todas são bonitas. (cada uma é bonita)

Em suma, a cumulatividade de *junt(o)s* consiste em aplicar coletivamente o predicado a uma pluralidade (o predicado corresponde ao grupo fechado, e não a suas partes). Já a cumulatividade de *todo(s)* distribui a predicação pelas partes mínimas internas ao sujeito.

Conclusões

Moltmann (2004) comenta: “The denotation of adnominal together [when modifying the subject] can be taken to be an operation mapping an individual [the denotation of the NP without together] onto a generalized quantifier [the denotation of NP with together]”. Isso é exemplificado em (4f) (*Juntos, todos os garotos comeram aquelas três pizzas*): *juntos* modificando o sujeito já quantificado por *todos* aponta para o resultado coletivo (a contabilização, a somatória) de uma ação individual que cada membro do grupo fez. *Junt(o)s* soma o que cada menino fez para traduzir a somatória no resultado; e *todo(s)* atribui a predicação aos indivíduos do grupo. Essa dupla cumulatividade gera a interpretação em que há um evento coletivo do qual cada parte mínima do sujeito participou, com um resultado para o qual cada indivíduo em *os garotos* contribuiu. *Todo(s)* exige que o predicado seja verdadeiro para cada parte mínima do sujeito: a verdade da sentença exige que cada menino tenha ajudado pessoalmente a dar cabo das três pizzas. E *juntos* exige que, sozinhos, os indivíduos tenham comido menos que as três pizzas, pois o resultado medido é a somatória de suas contribuições.

Os dados reforçam a idéia de localidade: é a posição na sintaxe aberta que faz com que *todos* e/ou *juntos* tenham ora leitura de modificador de evento, ora leitura de modificador nominal. Porém, em contextos de medição, resultativos, *juntos* adjunto ao DP sujeito tem

sempre leitura de modificação de eventos. Daí servir de diagnóstico para leituras de medição. Controlando os contextos de medição, podemos verificar que, nos mesmos contextos, quando modifica o DP com o papel temático de agente ou causador da mudança (o DP em posição de sujeito em (5.1.b) e (5.1.c)), *todo(s)* funciona exclusivamente como um quantificador nominal; entretanto, quando modifica o argumento afetado (o complemento verbal em (7a) e (7d)), indiretamente mede também a duração do evento, articulando uma dupla modificação: a nominal e a do VP, via o mapeamento entre a extensão do evento e a do argumento afetado. Quando está em VP, adjacente a (antecedendo) *junto(s)* (como em (4.j)) ou a um adjetivo (o particípio em (5.2.e)), *todo(s)* forma um constituinte com eles; atua, então, como um intensificador do advérbio ou do adjetivo, tal como os itens *muito* (*Ele está muito abatido* / *Nós fomos muito mal servidos*) ou *bem* (*Ele foi bem orientado* / *Ela acordou bem tarde*). Somente se houver também um DP interno a VP e adjacente a *todos*, este, por sua vez, adjacente a um adjunto (um A, advérbio ou adjetivo) (como em 8d), *todo(s)* pode formar um constituinte com o DP, nesse caso operando como um modificador nominal.

Conclui-se que *todo(s)* tem uma variável (uma categoria vazia) que tanto pode ser presa diretamente pelo N mais próximo ou por um item da categoria A, um advérbio ou particípio ou adjetivo indexado a um N (por concordância nominal). *Todo(s)* um adjunto indexado a um DP, que exige estar no domínio (ser apropriadamente regido) direto de um DP ou indireto de um DP, formando um constituinte com um A (advérbio ou adjetivo) indexado a um DP (por concordância de número e gênero). Ser preso por categorias diferentes é possível para um DegQ, o que propomos que *todo(s)* seja. Isso explica porque, em contextos sintáticos propícios, *todo(s)* pode modificar tanto um N (nome) quanto um evento, ou, ainda, intensificar um adjetivo.

De acordo com a diátese da sentença, conforme a categoria e o papel temático do item pelo qual a variável está presa, *todo(s)* pode operar sobre a duração do evento, sobre a agentividade ou sobre a extensão do objeto afetado. E tanto a flutuação de *todo(s)* indexado ao sujeito, que precisa de regência apropriada, quanto a posição de *todo(s)* na sentença, em geral, é uma forma de privilegiar, marcando com foco, uma das três informações disponíveis numa sentença de medição: (i) o resultado (o estado final do objeto afetado), quando *todo(s)* quantifica o DP complemento; (ii) a causa da transformação (o agente), quando *todo(s)* quantifica o DP sujeito; ou (iii) as circunstâncias do evento, quando todo

modifica o predicado secundário ou *junt(o)s* adverbial. Podemos ler os dados da mudança de interpretação das condições de verdade da sentença, conforme a posição de *todos* muda, como uma marcação de foco. O sujeito sentencial com *todos + descrição definida plural* é o tópico da sentença, que fica dividida em dois constituintes básicos: o sujeito com *todos*, o tema da predicação, e o resto da sentença, aquilo que é dito sobre o tema (rema ou comentário). Nesse caso, o foco da sentença é ela toda, incluindo o DP sujeito. *todos* à direita da descrição definida que é o sujeito sentencial põe uma ênfase mais marcada na totalização dos indivíduos formadores do grupo sujeito em relação à sua participação no evento: o foco passa a ser toda a sentença, menos o DP sujeito. A flutuação de *todos*, referente ao sujeito sentencial, que é o tópico, para o VP, faz a distribuição incidir sobre o evento. *todos* entre o verbo e o complemento enfatiza a acumulação de subeventos (correspondentes à participação de cada indivíduo da descrição definida plural que é o sujeito sentencial) num evento maior, o descrito pelo VP, criando uma leitura de *degree achievement*, ou seja, de alcance gradual, em etapas sucessivas ou simultâneas, de um resultado (a mudança de estado da entidade no DP com papel-è de tema). Com *todos* após o complemento e antes de um adjunto também preso ao sujeito, a distribuição enfatizada é a da qualidade dada pelo adjetivo (predicado secundário) ou a da circunstância ou modo de ação dados pelo advérbio (como *junt(o)s*) sobre os componentes do sujeito. As diferenças sobre a interpretação do que se distribui sobre o sujeito, de acordo com a posição de *todos* na sentença, levam a concluir que o foco da sentença é sempre a porção da sentença que está à direita de *todos*, ou seja, os constituintes que estão no domínio de *todos*, como Jackendoff (1972) propôs para *even*. Portanto, os dados corroboram a análise da flutuação de *todo(s)* como uma estratégia de marcação de foco no PB.

Todos Juntos: the Role of the Flotation of todos in the sentential informational structure

■ **ABSTRACT:** *This article analyses the flotation of the Brazilian Portuguese quantifier todos (± all) as a focus marker. The scrutiny of the cumulativeness of 'todos' versus the cumulativeness of 'juntos' (together) leads us to the conclusion that 'todos' has scope over all the material to its right in each sentence. So the interpretation depends of 'todos'*

position in the open syntax, after flotation.

■ **KEYWORDS:** Quantification. Distributivity. Focus. Cumulativity. Synthax. Semantics.

Referências

BOBALJIK, J. D. *Morphosyntax: the syntax of verbal inflection*. Cambridge, EUA. MIT. Cap. 4: Floating quantifiers are adverbs. Tese de Doutorado. MIT Working Papers in Linguistics. 1995.

DOETJES, J. *Quantifiers and Selection. On the distribution of quantifying expressions in French, Dutch and English*. Leiden, Holanda. 1997. Tese de Doutorado, Leiden University.

DOWTY, D.R. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, 67:619, 1991.

JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, EUA. Dissertação de Mestrado. MIT Press. 1972.

KRIFKA, M. Thematic Relations as Links between Nominal Reference and Temporal Construction. SAG, I. A. e SZABOLSCI, A. (eds.), *Lexical Matters*, 1992. p. 29-53.

MOLTMANN, F. *The Semantics of Together*. A publicar em *Natural Language Semantics*. 2004. Disponível em <http://opp.weatherson.net/archives/001536.html>

NEGRÃO, E.V. *O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de Livre-docência. USP, São Paulo. 1999.

PUSKAS, G. Floating quantifiers: what they can tell us about the syntax and semantics of quantifiers. In: DÜRRLEMAN, S. & LAENZLINGER, C. (ed.) *Generative Grammar in Geneva*, vol. 3, 2002. Disponível em http://www.unige.ch/lettres/linge/syntaxe/journal/volume_trois_2002.html

SPORTICHE, D. A Theory of Floating Quantifiers and Its Corrolaries for Constituent Structure. *Linguistic Inquiry*, v.19, 1988. p.425-449

Obras Consultadas

CANÇADO, M. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: FOLTRAN, M.J., MÜLLER, AL. & NEGRÃO, E.V. (orgs.) *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-124.

FOLTRAN, M.J. Relações de Predicação. In: FOLTRAN, M.J., MÜLLER, AL. & NEGRÃO, E.V. (orgs.) *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 47-60.

KLEIN, S. Foco no Português Brasileiro. In: FOLTRAN, M.J., MÜLLER, AL. & NEGRÃO, E.V. (orgs.) *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p.125-152.

NEGRÃO, E.V. Forma Lógica e Quantificação. In: FOLTRAN, M.J., MÜLLER, AL. & NEGRÃO, E.V. (orgs.) *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p173-188.